

CARTA DE OTTO PESSOA DE MENDOÇA
EXPLICANDO A PRECARIEDADE DA ESCOLA
DE SAÚDE PÚBLICA DO ESTADO E SUBERIN-
DO A ANEXAÇÃO DA ESCOLA, A UNIVER-
SIDADE FEDERAL.

A Escola de Saúde Pública é uma repartição pública, criada pelo Estado. Tem sido tratada pela administração exatamente como repartição pública, entendida a expressão no seu sentido usual. Suas verbas são cortadas pela Assembléia Legislativa, no cuidado de administrar com economia certos setores da coisa pública. As liberadas são pagas tardiamente, o que dificulta, ou impossibilita a sua utilização. As pequenas importâncias concedidas não permitem a implantação e aproveitamento dos laboratórios existentes, os trabalhos de pesquisa no campo largo da saúde, a criação de um serviço indispensável de técnica de comunicação áudio-visual, o bom funcionamento do Centro de Saúde e Treinamento que fica prejudicando na sua finalidade de ensino e serviço, a ampliação dos trabalhos escolares práticos, de caráter absolutamente imprescindível. Fica a Escola impossibilitada de aumentar o número de cursos, quando deveria ir ao encontro das necessidades do ensino das disciplinas da saúde pública, dado o caráter de integração total intrínseco e suas atividades. Assim, ficam prejudicados os cursos regionais, programados para cidades do interior do Estado, quando se torna mais onerosa ou impossível a trasladação de profissionais para esta capital.

Os professôres da Escola são convidados. Sua remuneração é pequena, por hora de aula. Por ser curta a verba e impossível a mobilidade na aplicação das outras, qualquer aumento de remuneração implicaria numa diminuição da atividade em número de cursos, Torna-se quase imperioso cercear o desenvolvimento da Escola de Saúde Pública, contrariando a exigência das prementes necessidades sociais.

A falta de um núcleo estável de professôres impede-a de adquirir organicidade própria de tornar-se plenamente um centro de convergência, integração e irradiação de cultura, pesquisa, ensino e serviços à comunidade.

Sendo parte da administração estadual, sujeita-se a Escola a pressões políticas de tal ordem que tornem sua resistênciã quase insustentável. Exige-se, muitas vêzes, o desvio das suas verbas para satisfação de interêsses diversos.

Dentro destas condições, realmente, não pode ser a Escola de Saúde Pública uma tribuna da cultura. Quando muito, e tem-no feito, honra-nos dizer, com base no sacrifício e esforço pessoal de uns poucos, satisfaz um mínimo dentre os seus objetivos. Tem prestado o seu concurso para a formação de técnicos de diversas categorias ministrando, para profissionais de nível superior, cursos de pós-graduação e especialização, de atualização em técnicas diversas; e cursos de nível médio, com objetivos vários, tudo porém dentro das necessidades de um serviço de saúde. Muito mais poderia ter feito senão lhe tivesse sido negadas as condições.

De qualquer maneira, porém, a Escola atua dentro da estrutura de uma secretaria de estado, isolada quase de outros interêsses que não os da repartição a que se subordina. O seu trabalho pode atingir de modo direto apenas campo de ação limitado a dessa Secretaria. Todos nós sabemos que

a estrutura, os métodos, e, por que não dizê-lo, muitos dos homens que compõem o serviço de saúde do Estado se situam em nível muito abaixo do que exige a angustiosa contigência social.

Presa a essa ordem ineficiente e arcaica, atua isolada do caudinho universitário, onde se chocam e clareiam as idéias e os ideais, e se definem as tendências orientadoras do ensino no interesse do progresso e da cultura do País. A Escola de Saúde Pública não participa da intimidade do sistema de ensino, não incorpora diretamente o fruto do seu esforço às linhas mestras que formam o centro que se expande para configurar a infraestrutura do nosso desenvolvimento. À margem, recebendo muitas vezes de fora os influxos vivificadores do progresso científico, deixa de entregá-los ao núcleo universitário, que os filtraria, incorporaria e multiplicaria, reforçando as coordenadas no nosso desenvolvimento.

Senhores:

Jamais a humanidade enfrentou desafio tão espantoso como o da época moderna. Os meios de comunicação entre os homens penetram instantaneamente tôdas as montanhas, geográficas ou culturais. Aparecem na sua crueza as diferenças entre os povos, numerosos, miseráveis e atrasados, ou povos e ricos, uns e outros contraditórios, esbanjando em ostentações de prestígio, na desproporção das suas posses, grande parte dos recursos que deveriam ser destinados ao desenvolvimento harmonioso da comunidade humana. Aos apelos de paz de líderes religiosos e humanistas, antepõem-se o ódio, a guerra, a incitação à destruição sem sentido. Régulos ambiciosos simulam auxiliar países de populações pobres e desnutridas, fornecendo-lhes propaganda política e armamentos mortíferos.

O mesmo quadro do conjunto se repete de certo modo dentro de cada país, região ou comunidade. O homem continua o lobo do homem. A revolução tecnológica pode ser a salvação manejada, entretanto por homens dotados de formação humanística profunda, que lhes imprima o sentido superior do dever e da convivência. Cada classe profissional, cada homem, deverá ter a consciência da sua responsabilidade social. Às universidades compete o trabalho da formação dos condutores e principais responsáveis pela sociedade. Eles, por sua vez, terão a responsabilidade da preparação e orientação dos demais, possibilitando uma estruturação social que torne mais tolerável e feliz a vida dos homens e possibilite a sobrevivência da humanidade.

A universidade é uma estrutura viva, influenciando e sendo influenciada pelos diversos aspectos da condição social. Nela debatem livremente os homens livres, em assembléia multidisciplinar. Dela saem caminhos que conduzem além e se entrecruzam na complexidade das relações e necessidades humanas. O homem que aprende não tem o direito de manter-se fechado. Deve ter a convivência com os problemas mais diversos e sensibilidade para compreendê-los e participar da sua solução.

Mais do que nunca é necessário destruir as barreiras que afastam os homens e os privilégios que os isolam em classes. Nada melhor que a universidade para moldar na mente dos líderes da geração que surge a consciência do dever de cada homem para com a sociedade dos homens.

A saúde, considerada no seu sentido amplo, é um direito que tem o homem dentro da sociedade. Não pode ser mantida ou conquistada apenas pelo esforço individual, e se condiciona, no meio social, pela articulação de esforços diversos. Torna-se um dever vinculado intrinsecamente às atividades das diversas categorias profissionais. As atividades relativas à saúde, dentro desta conceituação global, nós entendemos por saúde pública. Assim, a saúde pública não pode ser afeta apenas à classe médica.

No Dia Mundial da Saúde - 7 de abril - o Diretor Geral da Organização Mundial da Saúde, o médico brasileiro Marcolino Condau, exaltou a função dos defensores da saúde, acentuando que "estes não são apenas os médicos, mas, também, o economista, que contribui para aumentar a produção e a capacidade aquisitiva da moeda, o construtor de estradas, que facilita o acesso aos centros de saúde, o educador, que elimina em seus alunos o analfabetismo e incrementa o valor da compreensão da vida." Os grupos responsáveis pela saúde, "Tão diferentes em formação e interesses compõem-se de pessoas animadas pelo mesmo propósito."

No Brasil, o conceito tradicional fez com que arcassem os médicos com toda a responsabilidade do problema da saúde. Realmente, os médicos têm lugar na cúpula do corpo social. Porém, as linhas estruturais que ligam às outras partes que compõem a sociedade são rôtas ou insuficientes. Como resultado do vazio da estrutura, o vazio de saúde.

Os recursos médicos e os profissionais se atropelam nos grandes centros e escasseiam nas grandes extensões.

Os serviços de saúde, de responsabilidade da Previdência Social ou dos diversos escalões do govêrno, como um todo, são onerosos e rendem muito pouco. O sistema é falho, ineficiente e mal estruturado. Os serviços são custosos. Sustenta-se um govêrno pobre, mantido pela privação de um povo pobre, que carece de recursos até para alimentar-se. A situação se agrava devido aos incessantes movimentos patrocinados pelas associações que congregam a classe médica, na exigência de maiores proventos e melhores vantagens, de atenção difícil.

A população do país cresce em proporção explosiva, superior a do aumento da produção e dos recursos técnicos, agravando o problema da saúde. Sentimos muito difícil uma saída, Acomodar? O homem se adapta à subnutrição e a certas condições de doença. Adapta-se de modo negativo, pela indolência, passividade e degradação.

É necessário reestruturar-se a sociedade em melhor integração dos seus valores e distribuição das suas responsabilidades. É mistér lutar menos pelos odiosos privilégios das classes e mais pelos direitos fundamentais da comunidade. Embora o progresso dos meios da saúde aumenta sem cessar a distancia que os separa das necessidades da saúde.

É função primordial da universidade auscultar as necessidades sociais e cooperar no encaminhamento da sua solução pelo preparo dos novos contingentes profissionais, pela abertura do caminho da integração das profissões e atividades existentes ou criação de novas atividades.

Assim, atendendo ao aspecto multidisciplinar e integrativo das atividades da saúde, a Universidade Federal de Minas Gerais cuidou de estudar a criação de uma escola de saúde pública, ao mesmo tempo que iniciou a modificação estrutural do ensino superior e dá os primeiros passos para a organização do colégio técnico. Grandes são as dificuldades, a resistência do atraxo, da inércia, da acomodação e dos privilégios. Porém, fascinante o desafio dos horizontes que apenas se entremostraram.

A Escola de Saúde Pública trará à Universidade um instrumento que lhe falta e lhe permitirá integrar as várias unidades universitárias dentro do conceito de sua corresponsabilidade no estudo e encaminhamento da solução dos problemas sanitários e problemas sociais correlatos. Ela imporá à Universidade maior dinamismo, dada a flexibilidade de que obrigatoriamente deverá armar-se para ir ao encontro dos problemas e preparar o pessoal dos diversos níveis para o seu atendimento. Deverá ser uma unidade de ensino, pesquisa, principalmente de caráter operacional e serviços à comunidade.

Pelo aspecto multidisciplinar das atividades da saúde pública, a escola será, sem dúvida, campo fecundo para o aproveitamento de vocações que a ela se dirigirão diretamente e, talvez no futuro, quantas outras que por aí se percam rotuladas como excelentes.

Tivemos a honra de participar no Rio, a 7 do corrente mês, de um seminário de 15 diretores de escolas de S.P. dos Estados Unidos e Canadá. Todas elas, sem exceção, incorporadas ou integradas a universidades. Informou-nos o Dr. Myron Wegman que, das 16 unidades que compõem a Universidade de Michigan, a Escola de Saúde Pública, que ele dirige, ocupa o 14º lugar em tamanho e o 4º no orçamento. Ficou patenteado, no seminário, a opinião unânime dos diretores daquelas escolas e dos diretores presentes da Organização Mundial de Saúde e da Organização Panamericana de Saúde, de que o lugar de uma escola de saúde pública é a universidade.

Sem sombra de dúvida, está certa a Universidade Federal de Minas Gerais, na ebulição de um modo novo e fecundo de encarar o ensino, em querer a sua escola de saúde pública.

Há já vinte anos, sentiu-se em Minas Gerais a necessidade da criação de uma casa de ensino que se dedicasse aos problemas da saúde pública e à formação de técnicos, para satisfazer as necessidades do trabalho no campo sanitário. Nasceu a Escola de S. Pública da antiga Diretoria de Saúde Pública. Vinculado ao movimento da sua criação, foi o seu primeiro diretor o Prof. Oscar Versiani Caldeira, hoje comandando a Faculdade de Medicina da UFMG e que honra e ilustra este Simpósio.

A Escola de S. Pública enfrentou, como ainda hoje, uma série de dificuldades. Suplantou-as como pôde. E foi ponderável o resultado de seu esforço. Ficou longe da perfeição do ideal. Sofreu das deficiências do meio. Das improvisações. Porém, conseguiu levar ao meio médico do Estado novas idéias e técnicas de saúde pública e medicina social.

A ação multiplicadora do trabalho de técnicos graduados pela Escola de S. Pública se faz sentir em muitos campos. Assim na Faculdade de Medicina, o Instituto de Medicina Preventiva, dirigido pelo Prof. Pinto Ma

chado, vem revolucionando a formação dos estudantes do curso médico, Já se ouve falar em metodologia, estatística, saúde pública, sociologia, psicologia aplicada, antropologia cultural, epidemiologia. Ouvem-se menos slogans.

Desde 1963 a Escola vem preparando dentistas sanitaristas. Já se mantém, com absoluto êxito, em dezenas de grupos escolares do Estado o plano incremental, levando aos pequenos alunos melhores perspectivas de boa saúde dentária. A fluoretação tópica para os alunos das escolas primárias já faz parte da realidade, na capital e no interior.

A Secretaria de Saúde ~~Rixitax~~ ainda desconhece oficialmente a implicação dos assuntos da alçada do veterinário em saúde pública. No estado de maior riqueza pecuária do país, porém onde a subnutrição e a carência proteica devastam, onde as zoonoses causam enormes prejuízos, não conta a Secretaria com um veterinário no seu quadro de funcionários. A Escola iniciou este ano um curso para formação de veterinários sanitaristas, com brilhante e seleta frequência, abrindo assim nova perspectiva de integração profissional.

Também neste ano, a Escola ministrará um curso superior de administração hospitalar para médicos, enfermeiros, engenheiros, advogados, arquitetos, economistas e assistentes sociais, com duração de um ano letivo, em convênio com a Faculdade de Medicina da UFMG e o Instituto de Administração Pública. Os alunos deste curso receberão, inclusive, noções de legislação, economia e saúde pública. Abrem-se novas possibilidades de articulação entre as diferentes categorias profissionais.

Realizam-se cursos de atualização em técnicas de saúde pública, para profissionais de nível superior. Também cursos de especialização.

A partir do ano de 1962 vêm sendo preparadas as coordenadoras de saúde, professoras primárias que são treinadas para orientar a ministração da educação sanitária e encaminhar o problema de atenção médica aos escolares, inclusive imunizações, dada a falta de médicos e enfermeiros disponíveis.

Cuida ainda a Escola de cursos de nível médio e, em poucos casos, até elementar, à medida das necessidades da comunidade.

Dentro de poucos dias iniciaremos um curso de formação de inspetores de saneamento para o Departamento de Assistência e Saúde da Prefeitura de B. Horizonte. Ressaltamos ter a iniciativa do oferecimento do curso partido da própria Escola, que pretende acompanhar os problemas da comunidade dentro da medida do possível. Estamos em contacto com a CAPES e a Fundação Escola Nacional de S. Pública, para a obtenção de recursos para a ministração de um curso de atualização em técnica de saúde pública para médicos, em Juiz de Fora, e outro de ciências sociais aplicadas, também para médicos, em Pouso Alegre, onde se cogita da criação de uma Escola de Medicina.

A Escola pretende realizar, ainda neste ano, uma mesa redonda sobre o ensino de bio-estatística em Minas, para o que tem entrado em entendimento com várias escolas e entidades.

Aspecto integrativo positivo apresenta a Escola com relação aos seus professores, recrutados entre médicos, engenheiros, arquitetos, veterinários, dentistas, sociólogos, antropólogos, técnicos em comunicação áudio-visual, nutricionistas, etc.

Desde a sua fundação, a Escola mantém intercâmbio com a Escola de Medicina e várias outras escolas da Universidade de Minas Gerais e com as escolas de saúde pública do Rio e de S. Paulo.

Seus contactos com a Organização Pan-Americana de Saúde têm sido animadores, devendo visitar-nos em agosto próximo o Dr. Dias Coller um dos diretores daquela entidade.

Parece-nos consenso geral deste simpósio, a necessidade da criação de uma escola de saúde pública para integrar a Universidade Federal de Minas Gerais.

A presença dessa escola dentro da Universidade não implicará em superposição ou desaparecimento dos serviços preventivos ou sanitários existentes nas diversas unidades universitárias, que serão respeitadas.

Não se justifica o paralelismo ou a concorrência de duas escolas de saúde pública trabalhando a mesma área. A Escola de Saúde Pública da Secretaria de Saúde tenderia a esvaziar-se, dadas as condições em seu desfavor.

Afigura-se conveniente à Universidade, à Secretaria de Saúde, ao ensino e às atividades de saúde do Estado a alternativa da incorporação da Escola de Saúde Pública da Secretaria de Saúde à Universidade Federal.

A Universidade receberia, além de valioso patrimônio em imóvel e equipamentos, um patrimônio incalculável em serviços prestados ao ensino, à saúde e à sociedade, ao longo de 20 anos de trabalho.

A Universidade não poderá desprezar este acervo de esforço e experiência, tradição e prestígio.

Julgamos este um momento histórico para esta Universidade e para o melhor desenvolvimento do progresso em Minas. Momento fecundo para os homens de visão larga e alma criadora, que não pode ser inutilizado pelas restrições pequenas ou pelos temores.

Com a consciência tranquila e cabeça erguida, nesta oportunidade única para criar-se uma escola de saúde pública dentro desta Universidade, nós propomos a anexação, a esta mesma Universidade, da Escola de Saúde Pública, que nós amamos, e que é um pouco da nossa vida e da vida de tantos. Satisfaz-nos a certeza do dever cumprido para com a nossa cultura e a nossa gente.